

Escalada da violência juvenil

JOSÉ RAIMUNDO GOMES DA CRUZ
Procurador de Justiça, Aposentado — Advogado — SP

Os últimos exemplares da revista Time, especialmente o de 12.6.89 (pp. 46/51, sob o título *Violent Kids*), mostra crescente preocupação com o agravamento da violência praticada por jovens nos Estados Unidos. O subtítulo da matéria destaca o aumento de crimes brutais perpetrados por gente moça que "abala a alma da sociedade americana".

A pesquisa revela que 88% da população consideram a violência juvenil um problema mais grave hoje do que no passado. As causas mostram-se diversas. Por exemplo, a violência da família: o número de crianças maltratadas ou abandonadas quase dobrou entre 1980 e 1987, de 1.200.000 para 2.200.000. Também falta de educação escolar (a percentagem de adolescentes que fogem do curso secundário ultrapassa 25%). Cresce a total ausência de supervisão dos pais, ou de um só deles, com as freqüentes separações. Drogas são cada vez mais usadas (entre 1983 e 1987, prisões de jovens abaixo de 18 anos por drogas, aumentaram 5%, embora o número total de adolescentes tenha diminuído 2%). A imitação de outros jovens concorre para o drama, pois os valores dos pais e professores não são com freqüência adotados. Mesmo nos Estados Unidos, a pobreza se inclui entre as causas da violência (uma entre cinco crianças americanas vive num lar com orçamento abaixo do nível de pobreza — 11.611 dólares em 1987 para família de quatro pessoas).

Além de tais fatores, o cinema e a TV apelam com apetite para a violência, o mesmo acontecendo com as letras das músicas e as revistas em quadrinhos.

A pesquisa aponta as causas nos seguintes percentuais: 72% falta de supervisão dos pais; 70% exagerada benevolência e até impunidade para com os menores infratores; 67% maus tratos pelos pais; 67% muito sexo e violência no cinema e TV; 57% muito sexo nos anúncios publicitários; 52% letras de *rocks* enaltecendo sexo e violência; 50% falta de oportunidade devida à pobreza; 42% insuficientes meios de recreação para adolescentes e 38%, fracasso das escolas para prover melhor educação.

A revista ilustra a matéria com diversos casos. Bastaria a síntese do aumento de homicídios praticados por jovens com menos de dezoito anos, entre 1983 e 1987, em 22,2%; roubos, em 18,6% e estupros em 14,6%. E mesmo quando não acontece a

violência à pessoa, a violência gratuita se nota quando jovens invadem casa na ausência dos moradores e não se contentam com os objetos furtados, passando a emporcalhar tudo ou a incendiar a residência alheia. Há sempre algo mais em matéria de perversidade totalmente dispensável.

A pesquisa também inclui soluções nos seguintes percentuais: 79%, penas criminais mais duras para infratores juvenis; 73%, mais gastos do governo com meios educacionais e de recreação para adolescentes; 73%, maiores restrições na exibição de sexo e violência na TV; 70%, idênticas restrições no cinema; 64%, o mesmo no tocante às letras dos *rocks* e 46%, responsabilidade legal dos pais pelos atos de violência criminal dos seus filhos.

Não devemos limitar a nossa reflexão a reduzir o problema a mero aspecto da violência que ninguém hoje ignora na criminalidade urbana e até na questão agrária, entre nós, nem a violência do nosso trânsito, recordista mundial de acidentes fatais, nem à violência contra a natureza, para só citarmos algumas manifestações do gravíssimo problema moderno. Do mesmo modo a análise feita exclusivamente do ângulo da problemática do menor talvez não traga contribuição satisfatória ao debate.

Considerações sobre improvável incidência do problema em nosso país não cabem, seja por sua fragilidade, seja pela solidariedade para com outros países, enfim, seja até pelo interesse de prevenir qualquer adversidade, lembrada a repetida frase do anúncio de certa bebida: "eu sou você amanhã..."

Claro que as pesquisas serão sempre bem analisadas e avaliadas, recomendando-se, de preferência, que todas as especialidades envolvidas tragam sua contribuição ao debate.

Alguns aspectos, contudo, já merecem algum destaque. A impunidade, ou tratamento muito brando dos menores infratores e até dos seus responsáveis impressiona a própria opinião pública americana, apesar das notórias condições mais favoráveis dos Estados Unidos para a solução de tal problema. Em termos de efetividade das medidas relativas aos menores abandonados e infratores, assim como da repressão à criminalidade que envolva seus responsáveis, nossa situação se mostra bem inferior.

As pesquisas propõem "maiores restrições na exibição de sexo e violência na TV", no cinema, nas letras de *rocks*. A questão toca em verdadeiro tabu — a censura. Tornou-se, às vezes, simples referência a esta, alvo de vaia de certos auditórios. As reações costumam ser emocionais e mesmo passionais, quando o tema exige plena racionalidade e ampla discussão isenta de quaisquer preconceitos. Em todas as épocas e em todos os lugares houve restrições a certas expressões artísticas, quanto à idade dos espectadores, pelo menos. Certas personalidades que apoiam total ausência de censura a quaisquer espetáculos reagem com manifestações inequívocas de censura aos meios de comunicação que divulgam certos fatos envolvendo outras personalidades do meio artístico ou intelectual. Não podemos esquecer a frase chestertoniana tão lembrada por Alceu Amoroso Lima, de que "os vícios são virtudes enlouquecidas", isto é, nada é necessariamente bom ou mau, tudo dependendo do uso de cada coisa, cada meio ajustado ao seu fim, sem abusos, desvios ou distorções (cf. "Tudo é mistério", 3.^a ed., Petrópolis, Vozes, 1984, n. 42 e *passim*). Sensata nos parece a sugestão de que o assunto seja discutido como qualquer outro de interesse coletivo, sem preconceitos inadmissíveis.

A discussão deve abranger todos os estabelecimentos educacionais e de recreação para jovens, públicos ou particulares, para que cumpram sua finalidade de modo eficiente e positivo.

Só não nos parece aceitável que não se divulguem dados tão importantes sobre problema tão grave e que seu conhecimento não tenha como consequência a necessária discussão que, pelo menos, concorrerá para mais adequada conscientização sobre os riscos envolvidos e as perspectivas de que, também entre nós, a violência juvenil não venha a fugir do indispensável controle.